



I Colóquio Brasileiro de História do Pensamento Geográfico
Eixo Temático: Questões Epistemológicas em Torno da HPG

REFLEXÕES SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DA GEOGRAFIA HISTÓRICA E DA GEOHISTÓRIA NA RENOVAÇÃO DOS PENSAMENTOS GEOGRÁFICO E HISTÓRICO NO SÉCULO XX

Hindenburgo Francisco PIRES

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Instituto de Geografia

Professor Adjunto do Departamento de Geografia Humana
hindenburgo@uerj.br

RESUMO

Este trabalho pretende investigar o legado epistemológico da Geografia Histórica e analisar a perspectiva metodológica interdisciplinar do paradigma geohistórico concebido pela Escola Francesa dos "Annales" e Fernand Braudel.

A idéia é revelar como ocorreram os movimentos de renovação do pensamento geográfico no século XX, procurando destacar quais foram os principais argumentos que fundamentaram a crítica à Geografia Moderna e quando aconteceu a formação das correntes dos pensamentos geográfico e histórico, que culminaram diferenciadamente com a emergência da Geografia Histórica e da Geohistória.

1. INTRODUÇÃO

A pergunta básica que devemos formular neste artigo é a seguinte: por que ocorreram os movimentos de renovação do pensamento geográfico contra a Geografia Moderna? E como se formaram a Geografia Histórica e a Geohistória?

Antes de responder a esta questão, devemos ter claro que alguns livros da história do pensamento geográfico, quando trataram sobre o surgimento do movimento de renovação da Geografia, tenderam a colocar apenas a corrente da Nova Geografia ou Geografia Quantitativa como único movimento de oposição à Geografia Moderna no século XX. Isso talvez tenha ocorrido porque o movimento que culminou com a crítica efetuada pela Nova Geografia tenha merecido mais destaque e seja mais conhecido que o movimento pela consolidação da Geografia Histórica. Mas, a história do pensamento geográfico no século XX conheceu três grandes movimentos de renovação: o primeiro, fundou a Geografia Histórica e Cultural; o segundo, criou a Nova Geografia ou Geografia Quantitativa; o terceiro, erigiu a Geografia Radical ou Crítica. Estes movimentos emergiram, em oposição à Geografia Moderna, os dois primeiros, simultaneamente, no mesmo contexto histórico e o último no início dos anos 70.

O objetivo deste artigo é contribuir para efetuar o resgate desta temática e colocar algumas reflexões sobre o surgimento das correntes dos pensamentos geográfico e histórico: a Geografia Histórica e a Geohistória.

2. O SURGIMENTO DA GEOGRAFIA HISTÓRICA: UMA REAÇÃO CONTRA O AMBIENTALISMO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Iremos fazer um breve resumo sobre os condicionantes históricos que influenciaram o movimento de renovação que deu origem ao surgimento da Geografia Histórica.

No século XIX, uma correlação de condições político-econômicas, filosóficas e científicas contribuiu para o surgimento da Geografia Moderna. Mas, durante o início do século XX, outras tendências filosóficas além do positivismo influíram também à formação intelectual dos geógrafos que pertenciam à escola da Geografia Histórica, foi o caso do historicismo.¹

A principal oposição da Geografia Histórica à Geografia Tradicional foi a revalorização da ciência da história no estudo dos processos geográficos e dos aspectos socioculturais na análise dos processos espaciais.

Entre todas as ciências, a história é a de relação mais íntima com a geografia. A geografia utiliza-se da história para poder compreender, em tempos passados, a construção do espaço, pois este, como veremos adiante, é o resultado da construção mútua dos diferentes períodos históricos. Contudo, estudar o meio geográfico também é uma condição imprescindível para o conhecimento histórico.

Parece que, ao tratar desse tema, estamos falando do óbvio, que logicamente qualquer fenômeno ocorre em um determinado tempo e em um determinado lugar, porém a discussão se faz muitas vezes, mais complexa. De certo modo, vamos, por hora, concluir que se a geografia tem uma dimensão histórica, a história também tem uma dimensão geográfica.

Mas qual o objetivo da análise da chamada geo-história? Mais à frente iremos tratar dessa questão com mais profundidade.

A publicação, nos anos 20, do trabalho “La Terre et l'Evolution Humaine. Introduction Géographie à l'Histoire”, de Lucien Febvre, grande representante da Escola Francesa dos “Annales”², causou alvoroço e influiu para o fortalecimento da crítica à ideologia ambientalista que tanto caracterizou a Geografia Moderna no final do século XIX. Uma vasta gama de temas novos foi introduzida por esta corrente na história do

pensamento geográfico.

No início dos anos vinte do século XX, a Geografia Histórica foi resultante da produção de intelectuais de origem francesa pertencentes ao Collège de France³. Foram professores desta eminente instituição os seguintes geógrafos: Auguste Longnon (1844-1911), Jean Brunhes (1869-1930), Roger Dion (1896-1981), Pierre Gourou (1900-1999), Maurice Le Lannou (1906-1992) e André Siegfried (1875-1959). Mas foi com Auguste Longnon e Roger Dion que esta corrente do pensamento geográfico alcançou mais projeção.

Auguste Longnon é reconhecido como o fundador da Geografia Histórica, geógrafo e historiador, foi responsável, no Collège de France, pela disciplina Geografia Histórica de 1892 até 1911. Já Roger Dion, além de ter sido professor do Collège de France de 1948 a 1968, foi também professor das Universidades de Lille e Sorbonne por um longo período. Profundo conhecedor das paisagens rurais da França, escreveu, em 1933, sua tese de doutoramento sobre o Vale de Loire e adquiriu reconhecimento pela grande contribuição que deixou sobre a história das videiras e a Geografia dos vinhos. Em seus estudos, procurou relacionar a influência do clima, do solo e das tradições de cultivo na história da produção francesa de vinhos e champagnes.

Ainda no início dos anos vinte do século XX, a Geografia Histórica começa a se disseminar pelos países de cultura anglo-saxônica através de três importantes geógrafos que aprofundaram os fundamentos filosóficos desta corrente nos EUA: Carl Ortwin Sauer (1889-1975), Derwent Stainthorpe Whittlesey (1890–1956), John Kirtland Wright (1891-1969). Estes geógrafos formaram a escola estadunidense da Geografia Histórica, também chamada de Escola do “Middle West” ou de Berkeley (CLAVAL, 2006, p.95).

Carl Sauer representa a maior expressão da Geografia Histórica do “Middle West” nos EUA. Nascido em Warrenton, no Missouri, graduou-se e pós-graduou-se na Universidade de Chicago em 1915. Foi professor de geografia na Universidade da Califórnia, em Berkeley, de 1923 até torna-se professor emérito em 1957.

A grande contribuição de Sauer no movimento de renovação da Geografia Histórica foi a crítica que dirigiu à ideologia dominante do determinismo ambiental disseminada pela Geografia Moderna do final do XIX e início do século XX. Em contraposição a essas ideologias, ele propôs o desenvolvimento de uma teoria geográfica da “morfologia paisagem” e da “história cultural”. Seus estudos dedicaram-se à análise dos impactos históricos da ação humana na paisagem. Sauer não conseguiu ser um crítico radical do positivismo. Em seus artigos e livros, preferiu desenvolver uma interpretação particularista

e historicista do mundo. Sua posição política, em relação ao capitalismo moderno, era conservadora, mas não deixou de denunciar a exploração destrutiva da expansão do sistema colonial moderno.

A geografia cultural ganha notoriedade a partir da obra de Carl Sauer, baseada no historicismo e dando uma grande importância à diversidade cultural. A obra de Sauer valoriza o passado, focalizando principalmente as sociedades tradicionais. O principal conceito utilizado pela geografia cultural é o conceito de paisagem, ela deve ser estudada enquanto o conjunto das construções humanas sob a natureza. A paisagem é o objeto de estudo da geografia cultural.

Ou seja, geografia cultural nasce sendo alvo de crítica tanto da geografia tradicional quanto da geografia crítica. Contudo, o conceito de cultura utilizado por Sauer, definido simplesmente como “modo de vida”, também vai ser alvo de crítica dos próprios seguidores da geografia cultural.

A partir das últimas décadas do século XX, a geografia cultural passa por um grande processo de renovação, empurrado principalmente pelas mudanças que o mundo atravessa, fazendo com que o próprio conceito de cultura seja redefinido.

A geografia cultural é aquela que “dirige sua atenção para aqueles elementos da cultura material que conferem caráter específico à área.”

Os artigos escritos por Sauer ⁴ sobre a modificação humana da paisagem e das culturas pré-modernas, praticamente, influenciaram a formação da Escola da Ecologia Urbana e no desenvolvimento da Geografia Cultural.

2.1. A Geografia Histórica da Escola do “Middle West” nos anos 20

Um dos importantes geógrafos históricos da Escola do “Middle West” foi, sem sombra de dúvidas, Derwent Whittlesey. Nascido em Connecticut, próximo à Illinois, nos EUA, ele foi um dos primeiros professores da Universidade de Chicago a trabalhar com o ensino de História, no período de 1920 a 1928. Na Universidade de Chicago, trabalhou com Harlan Barrows (1877-1960), John Paul Goode (1862–1932), Wellington Downing Jones (1886-1957), Charles Carlyle Colby (1884-1965), Robert Swanton Platt (1891-1964) e Ellen Churchill Semple (1863-1932). Neste período, aderiu de forma entusiástica as concepções ambientalistas. Posteriormente, de 1928 a 1956, passou a trabalhar como professor na Universidade de Harvard, onde desenvolveu, no programa de Geografia Humana, as áreas de Geografia Política e Geografia Histórica. Seus trabalhos aprimoraram o legado da Geografia Histórica. Trabalhou com Raoul Blanchard na

Universidade de Grenoble, na França. Sua tese de doutoramento, em 1920, foi sobre “The Springfield Armory: a study in institutional development”⁵.

Outro grande expoente da Escola do “Middle West” foi John Kirtland Wright, ele se notabilizou pelos seus estudos sobre cartografia, Geosofia e História do Pensamento Geográfico. Nascido em Cambridge, John K. Wright é considerado um dos mais importantes geógrafos da história da Geografia nos EUA. Wright graduou-se como bacharel em História na Universidade de Harvard em 1913, onde também completou seu curso de Doutorado com a tese: “The Geographical Basis of European History”. Em 1920, tornou-se bibliotecário da Sociedade dos Geógrafos Americanos e onde, posteriormente, durante o período de 1938 a 1949, assumiu o cargo de diretor.

Em 1946, Wright propôs o estudo do mundo como os povos concebem e o imaginam, um campo de pesquisa que denominou Geosofia⁶. Wright desenvolveu uma perspectiva de investigação humanística, que deu base aos fundamentos do que seria o desenvolvimento dos estudos sobre a Geografia da Percepção e do Comportamento.

A Geosofia se dedicaria ao estudo das mudanças relativas aos conhecimentos geográficos a partir de suas variadas perspectivas e percepções ao longo do tempo. A Geosofia Histórica seria o estudo da história do pensamento geográfico no passado e no presente.

Recriando um mapa do mundo imaginário de sua infância “fantasyland Cravay”, escreveu uma novela “Terra Incognita: The place of imagination in geography”, baseada nas regiões montanhosas da Nova Inglaterra que explorou em sua juventude. Nesta, destaca a interação da imaginação que sua percepção geográfica experimentou e representou.

Segundo Carles Carreras, a ênfase dada aos temas vinculados à Geografia Cultural desenvolvida por Carl Sauer (BALLESTEROS, 1986, p.362), praticamente freou temporariamente a expansão da Geografia Histórica da Escola do “Middle West”. Esta corrente do pensamento geográfico só retornaria aos temas tradicionais que havia desenvolvido nos anos 20, posteriormente nos anos 40, que consideramos como sendo a segunda fase de desenvolvimento da Geografia Histórica.

2.2. A Geografia Histórica nos anos 40: A segunda fase de desenvolvimento da Geografia Histórica

Neste período, importantes contribuições para o aprofundamento do legado da Geografia Histórica foram realizadas pelos Geógrafos: Jan Otto Marius Broek (1904-

1974), Henry Clifford Darby (1909-1992), Andrew Hill Clark (1911-1975), David Lowenthal (1923).

Na segunda fase de desenvolvimento da Geografia Histórica, merece ser destacada a contribuição de Jan Otto Marius Broek⁷, geógrafo holandês, nascido em Utrecht, que estudou a Geografia Social em Utrecht com Louis van Vuuren (1873 - 1951). Após concluir seus estudos, foi estudar nos Estados Unidos com uma bolsa da Fundação Rockefeller. Produziu um amplo material a respeito das transformações da paisagem e da cultura, na Califórnia, que serviu de base para a confecção de sua tese sobre “Santa Clara Valley California: A Study in Landscape Changes”, escrita em 1932. Esta tese representou um importante estudo histórico sobre a evolução dos usos da terra na região de Santa Clara Valley. Ele identificou três fases do desenvolvimento da agricultura desta região a partir de 1850. As idéias desenvolvidas por Jan Broek, em sua tese sobre as transformações da paisagem em Santa Clara Valley, revelaram a forte influência das concepções de Carl Sauer na formação intelectual.

Mais tarde, durante o período da guerra da Coréia, no pós-guerra, a região agrícola de Santa Clara Valley, devido à ação estatal deliberada e programada do Departamento de Defesa do Governo dos EUA e de alguns empreendedores, foi rebatizada como Silicon Valley, pelo aumento rápido das indústrias de computador em sua área (PIRES, 1996, p.62). A tese de doutoramento de Jan Broek continua sendo uma importante fonte para o estudo das transformações sociais na Califórnia.

Ainda na segunda fase de desenvolvimento da Geografia Histórica, merece ser destacado o trabalho de Henry Clifford Darby⁸, geógrafo inglês, nascido em Resolven, país de Gales, Inglaterra. Darby estudou em Cambridge, onde foi professor assistente no Departamento de Geografia, de 1931 a 1945. Após o serviço militar, saiu de Cambridge para assumir uma cadeira de Geografia em Liverpool, de 1945 a 1949 e, mais tarde foi professor da University College London, de 1949 a 1966. Desse período em diante, retorna a ensinar em Cambridge até 1976.

Darby passou a ser conhecido pelos estudos que efetuou sobre a Inglaterra no período medieval no livro intitulado “The Domesday Geography of Eastern England”, escrito entre 1952 e 1977, e fez reconstituição minuciosa em sete volumes da Geografia de Inglaterra no século XIX. Com seus estudos sobre a Geografia no período Medieval, passou a ser considerado o grande precursor da Geografia Histórica nos países de cultura anglo-saxônica.

Outro importante membro da segunda fase de desenvolvimento da Geografia

Histórica foi Andrew Hill Clark⁹, geógrafo histórico canadense, nascido na província de Manitoba, que graduou-se, em 1930, pela Universidade de McMaster e, em 1938, realizou seu mestrado na Universidade de Toronto. Foi aluno de dois ícones da geografia do século XX, Griffith Taylor (1880-1963), geógrafo australiano, e Carl Sauer (1889-1975), geógrafo estadunidense. De 1941 a 1942, foi professor assistente da Universidade de Canterbury, em Christchurch, na Nova Zelândia.

Em 1944, na Universidade de Berkeley, sob orientação de Carl Sauer, escreveu a sua tese de doutoramento sobre “The Invasion of New Zealand by People, Plants and Animals: The South Island”. Clark desenvolveu também estudos importantes sobre a migração Européia. Efetuou pesquisas sobre o início da colonização do Canadá, mais precisamente sobre as expedições marítimas, na terra de seus antepassados. Clark passou a ser respeitado como editor e crítico mordaz e como criador de uma escola de investigação de Geografia Histórica que focaliza a dinâmica das mudanças, relacionando-as aos fatores físicos, culturais e econômicos. Ele contribuiu significativamente para o crescimento da Geografia Histórica na América do Norte.

Nos anos 50, outro importante geógrafo da Geografia Histórica, que merece ser lembrado é David Lowenthal¹⁰, nascido em Nova York, nos EUA, graduou-se em História pela Universidade de Harvard 1944. Em 1950, aluno e orientando de Carl Sauer, Lowenthal efetuou seu curso de Mestrado em Geografia pela Universidade da Califórnia em Berkeley e, em 1958, fez seu Doutorado em História pela Universidade de Wisconsin.

Lowenthal foi professor de ensino superior nas seguintes instituições: Boston College, de 1967 a 1974; Wheaton College, de 1958 a 1966; Universidade de Harvard, de 1955 a 1958; North Carolina State College, de 1950 a 1954; University of California Berkeley, em 1965, 1969, 1977 e de 1986 a 1987. E Professor Emérito do Departamento de Geografia, da University College London.

Lowenthal escreveu um grande número de artigos e livros, incluindo temas sobre paisagem, percepção e a relação entre história e herança cultural, envolvendo a América do Norte, as Índias ocidentais e a Grã Bretanha. Dedicou-se ao estudo das obras de George Perkins Marsh, considerado o primeiro ambientalista dos Estados Unidos, e de John Kirtland Wright, para quem escreveu o artigo: “Geographies of the Mind: Essays in Historical Geography in Honour to John K. Wright”.

Segundo Holzer (2005, p.24), David Lowenthal é mais que um precursor da Geografia Cultural, é um dos principais idealizadores da hoje chamada Geografia Cultural-



Humanista.

Na França, o aprofundamento recente do legado da Geografia Histórica e Cultural foi realizado pelos Geógrafos Xavier Planhol (1926) e Paul Claval (1931). Xavier Planhol, nascido em Paris, é professor emérito de Geografia da Universidade de Paris-Sorbonne (Paris IV). Ensina durante mais de quarenta anos a geografia do mundo Islâmico nas Universidades de Nancy e de Paris e também no Instituto Nacional das Línguas e das Civilizações Orientais. Planhol é conhecido como um grande expoente na área da Geografia Política pela pesquisa que empreendeu sobre o Mundo Turco-Iraniano e sobre os países árabes.

Os temas principais que marcaram a obra de Planhol são: relações entre o homem e o meio; o pastoralismo; a Geografia Histórica e Cultural; a Geografia Urbana; Geografia Política, particularmente do mundo Turco-Iraniano que é seu campo de estudo predileto. Ensinou a geografia do mundo Islâmico em várias universidades. Planhol possui um trabalho científico bastante denso e variado.

Paul Claval, nascido em Paris, é professor doutor da Universidade de Paris IV (Sorbonne) desde 1973. Claval é um dos maiores geógrafos históricos da atualidade. Ao lado do geógrafo Milton Santos, ganhou o prêmio Vautrin Lud, em 1996, equivalente ao prêmio Nobel.

Suas obras são referências indispensáveis no estudo da História da Geografia e contribuem no desenvolvimento de pesquisas sobre a origem da Geografia Cultural. Seu trabalho científico tem tratado também de temas sobre outras áreas complementares: a Sociologia e a Economia.

E como analisar o espaço sem o estudo da história?

Estudar o espaço requer obrigatoriamente a reconstituição de seus elementos históricos, da história de sua produção. Isso requer, inevitavelmente, que o geógrafo reconheça a noção de tempo como um elemento fundamental para os estudos geográficos.

3. O ADVENTO DA GEOHISTÓRIA

Como na Geografia, em várias áreas das ciências humanas, houve um movimento semelhante de renovação, como já falamos anteriormente, uma revalorização da ciência da história no estudo dos processos geográficos e dos aspectos socioculturais na análise dos processos espaciais.

Este movimento que culminou com o nascimento da “Nova História”, representou a

descoberta e valorização da Geografia pela História. Este movimento de valorização levou Paul Vidal de la Blache (1845-1918), historiador de formação, a se tornar geógrafo.¹¹

Como já tratamos no início deste trabalho, o maior expoente do movimento pela “Nova História” foi Fernand Braudel.¹²

A valorização da ciência da história foi um passo extraordinário no processo de ruptura com a concepção tradicional da história baseada nas narrativas pessoais ou “história historicizante”, repletas de viéses ideológicos¹³, cuja análise procurava explicar os contextos históricos como resultantes do jogo de poder de pessoas e países.

O surgimento do campo da Geohistória, no início do século XX, representou uma ruptura pelo pensamento crítico da historiografia da História Contemporânea com a tradição das narrativas pessoais factuais, e inaugurou o nascimento do movimento pela “Nova História”, que defendeu a substituição da história baseada no relato episódico, por outra história baseada na análise científica de problemas, pela história que valoriza a pesquisa e o diálogo com outras disciplinas, ou que promova o enfoque de natureza interdisciplinar.

3.1. Geografia Histórica ou Geohistória? Estabelecendo a diferença

Inicialmente, torna-se crucial estabelecer a diferença entre Geografia Histórica e Geohistória. Nesta parte de nosso estudo, iremos elucidar a diferença de significados atribuídos a esses dois termos.

O mesmo pressuposto também pode ser colocado para estabelecer a diferença entre Geografia Política e Geopolítica ou Geografia Econômica e Geoeconomia, ou seja:

- Geografia Política e Geopolítica, a primeira se ocupa dos vínculos geográficos da história política e a segunda estuda a política estatal em conformidade com os vínculos geográficos da Política, com o objetivo de efetuar a análise geográfica da ação do Estado;
- Geografia Econômica e Geoeconomia, a primeira é o estudo da localização, distribuição e organização espacial das atividades econômicas na Terra, enquanto a Geoeconomia estuda a reorganização das economias nacional e internacional com vistas a um melhor aproveitamento estratégico dos recursos naturais de um país.

Mas então, qual é a diferença entre Geografia Histórica e Geohistória? Explicaremos a origem desses conceitos a seguir.

3.2.1. O Conceito de Geografia Histórica

A Geografia Histórica¹⁴ ou Geografia do Passado é o ramo da Geografia Humana que trata da análise das relações estabelecidas entre o homem e a natureza ao longo do processo histórico.

Neste sentido, a Geografia fornece subsídios e materiais históricos para a investigação nas áreas da Geoeconomia, Geopolítica e especialmente da Geohistória.

Em síntese, pode-se afirmar que a Geografia Histórica estuda as características e evolução dos espaços históricos, sua morfologia, paisagem e organização territorial assim como sua formação social.

Para Milton Santos, a Geografia Histórica procurou: “fazer uma geografia no tempo, reconstruindo as geografias do passado” e “... também se preocupou com as questões das periodizações ... as periodizações históricas poderia ser o instrumento adequado para enfrentar o tratamento adequado do espaço em termos do tempo. Sem dúvida, a cada sistema temporal o espaço muda.” A partir desta compreensão Milton Santos desenvolveu uma proposta de um “tempo espacial”, para o qual não bastava apenas “... uma periodização à escala do mundo, mas a elaboração de outras periodizações a escalas menores, agindo, por sua vez, sobre escalas espaciais inferiores.” (SANTOS, 1996, p.42)

3.2.2. O Conceito de Geohistória

A Geohistória foi uma nova forma dinâmica de pensar a História introduzida pela escola francesa dos “Annales”, composta pelos eminentes historiadores Henri Berr (1863-1954), Marc Bloch (1886-1944), Lucien Febvre (1878-1956) e Fernand Braudel (1902-1985).

Peter Burke¹⁵, prestigioso estudioso da “Escola dos Annales”, coloca que a influência desta escola na historiografia contemporânea foi tanta que representa, segundo ele, metaforicamente “uma revolução francesa”.

Nesta parte de nosso artigo, iremos aprofundar e tratar da “Perspectiva Interdisciplinar das Ciências Humanas em Fernand Braudel”, o grande precursor do método Geohistórico.

A Geohistória¹⁶ é também um ramo da Geografia Humana, resultante da combinação de métodos de investigação e metodologias das duas ciências: Geografia e História.

4. O PARADIGMA DA GEOHISTÓRIA

Nesta parte, iremos tratar do tema: O Paradigma da Geohistória. O termo paradigma utilizado neste artigo, apesar de possuir inúmeras acepções: “exemplo”, “amostra”, “padrão”, “modelo”, corresponde ao significado de “modelo epistemológico”, ou seja, trata-se de uma perspectiva metodológica “exemplar” que nos inspira como método de investigação da realidade.

O paradigma¹⁷ não é eterno e pode ser alterado por rupturas metodológicas radicais, o seu reconhecimento depende de uma ampla aceitação pela comunidade científica que dele se apropria ou faz uso, enquanto legado e concepção social de mundo.

A idéia é debater a constituição do modelo geohistórico de investigação, inaugurado pela Escola Francesa dos Annales, uma das mais importantes perspectivas teórico-metodológicas da historiografia contemporânea.

4.1. Paradigma Geohistórico das Múltiplas Temporalidades: A teoria da longa duração

Representante da segunda geração da Escola Francesa dos Annales, Fernand Braudel, conhecido pelo fecundo senso crítico de seu pensamento, criou vários termos ainda em voga nos estudos históricos contemporâneos das ciências sociais: “longa duração, história global, civilização material ou economia-mundo”, etc. (ROJAS, p.02)

A obra *La Méditerranée et le Monde Méditerranéen a l'époque de Philippe II* (O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II), de Fernand Braudel, escrita em um campo de concentração alemão, durante a segunda guerra mundial, foi posteriormente defendida na Sorbonne como tese de doutoramento em 1947 (GURIÉVITCH, 2003, p. 88). Esta obra representa ainda hoje um marco na historiografia contemporânea, por introduzir uma perspectiva teórico-metodológica que concebe o tempo histórico e o processo histórico sob várias ângulos e temporalidades imbricadas.

Em sua Teoria da Longa Duração¹⁸, Braudel desenvolveu um esquema tipológico de análise das temporalidades histórico-sociais, que as classifica em três escalas ou formas hierárquicas:

- a. tempo de curta duração ou dos acontecimentos, geralmente vinculado aos ritmos consuetudinários (do cotidiano), temporalidade da qual se ocupa o jornalista, o cronista ou advogado, trata-se do tempo das estruturas do cotidiano;
- b. tempo de média duração ou das estruturas econômicas, constitui a temporalidade das condições conjunturais a que se submetem as relações

econômicas (os ciclos de Kondratiev. PIRES,1996, p.44-45), sociais (tempo das gerações humanas), políticas e culturais, também chamada de condições objetivas;

- c. tempo de longa duração ou da geografia (GUARINELLO, 2004), também chamada de temporalidades lentas, centenárias, as que estruturam a história das civilizações, ou as que se submetem à escala geológica dos acontecimentos.

Procurando criticar as narrativas episódicas que sobrevalorizavam o papel dos indivíduos ou os acontecimentos históricos, Braudel se referiu a estas temporalidades com metáforas naturalistas (GARCÍA, 2002): tempo de curta duração, “mera espuma de onda”; tempo de média duração, “ondas do mar animadas pelos movimentos dos oceanos”; tempo de longa duração, “maremotos ou ondas produzidas por marés produzidas por movimentos profundos”.

A concepção braudeliana das temporalidades representa uma ruptura metodológica com a história tradicional episódica e historicizante.¹⁹

Quando analisamos a história sob a perspectiva do modelo braudeliano das temporalidades, passamos a considerar o processo histórico de forma mais dinâmica e complexa, ou seja, conseguimos entender melhor a “dialética das durações” e suplantarmos a visão simplista da história linear e fragmentada. Passamos a compreender a história como uma totalidade de múltiplas temporalidades, como “história total”²⁰, tal qual defendera Marc Bloch.²¹

Baseado na Teoria da Longa Duração de Braudel, Milton Santos também desenvolveu sua teoria sobre “tempos rápidos e tempos lentos”²². Para Milton Santos a distinção entre um tempo longo e um tempo curto é que, o primeiro, marcaria as estruturas, os movimentos mais profundos e, o segundo, caracterizaria as situações conjunturais, incipientemente apreendidas através do tempo curto. Segundo ainda Milton Santos, essa compreensão da história influenciou “as demais ciências sociais, seduziu as ciências naturais e exatas e colonizou a geografia”. (SANTOS, 1996, p.212)

4.2. A Perspectiva Interdisciplinar braudeliana nas Ciências Sociais

Nesta parte de nosso artigo, iremos analisar como o conhecimento geohistórico pode vir a se constituir a partir de uma perspectiva teórico-metodológica interdisciplinar braudeliana.

No final dos anos 50, para Braudel e alguns membros da Escola dos Annales, as

ciências do homem passavam por uma forte crise motivada pela acumulação de novos conhecimentos e crescimento fragmentado de suas especialidades, tornava-se cada vez mais premente a necessidade de se desenvolver um esforço coletivo interdisciplinar, para que se possam empreender avanços significativos nas ciências sociais.²³

Segundo Braudel (1992, p.291), para o historiador, o conhecimento interdisciplinar serve como uma lanterna para compreender os caminhos intermináveis do passado. Dentro desta perspectiva interdisciplinar, o historiador deve se apropriar dos conhecimentos da: geografia, demografia, economia, politologia, antropologia, culturologia, sociologia e até do tradicional conhecimento das relações exteriores.

François Dosse, em seu livro “A História em migalhas: Dos Annales à nova História”, no Capítulo 4, sobre “O Paradigma: A Geo-história”, efetuou um amplo estudo sobre a trajetória teórica interdisciplinar de Fernand Braudel na Escola dos Annales. Segundo Dosse, Braudel estabeleceu um amplo contato com grandes representantes das ciências do homem: na geografia, utilizou o modelo de Ernest Labrousse, os ensinamentos de Paul Vidal de La Blache e de Max Sorre dos quais era fã incondicional; na economia conhecia os trabalhos de Werner Sombart, Kondratiev e Joseph Schumpeter; na sociologia analisou as teses de Max Weber e Durkheim; na antropologia, conhecia profundamente os trabalhos de Claude Lévi-Strauss e Karl Polanyi; e na história recebeu orientação de Lucien Febvre e de Marc Bloch, de quem se diz herdeiro.

Braudel acreditava que, com o isolamento das ciências sociais, essas correriam o risco de se fragmentar e perder a perspectiva de totalidade. Segundo Dosse (1992:236), “a decomposição da unidade temporal da história permitiu o estudo de objetos heterogêneos, a quebra do tempo e a história em migalhas.”

CONCLUSÕES

Neste breve artigo, ficou claro a riqueza e a diversidade das abordagens da Geografia Histórica. Não dá mais para dizer que a Geografia Histórica é mera continuação da Geografia Moderna do século XIX.

Os grandes representantes da Geografia Histórica introduziram novas metodologias, estudaram os mais diferenciados campos do saber humano.

A grande contribuição da Geografia História foi procurar estabelecer a relação concreta e coerente entre o tempo e o espaço na formação do território, no passado e no presente.

Ela engendra, a partir de modelos, a observação da relação espaço-temporal das

sociedades e analisa a influência ou determinação do espaço como meio e sujeito na organização e no desenvolvimento das sociedades.

A investigação Geohistórica permite constatar que cada época histórica particular prefigura um jogo peculiar de possibilidades humanas e de determinações naturais, transformando, em certa medida, o espaço em sujeito dos processos históricos da sociedade.

Como vimos anteriormente, Yves Lacoste e Milton Santos também compartilham da idéia de Braudel sobre as temporalidades do processo histórico e defendem a necessidade de que a geografia deve também proceder, como na geohistória, à distinção sistemática de diferentes níveis de análise espaço-temporais.

NOTAS

1. O historicismo, representa a corrente filosófica que se opõe ao racionalismo e que admite que o objeto do conhecimento, é resultado do estudo genético concreto, ou seja, todo conhecimento é ele mesmo conhecimento histórico.

2. Disponível em: <http://www.klepsidra.net/klepsidra7/annales.html>. Acesso em: 07/02/08.

3. Disponível em: http://fr.wikipedia.org/wiki/Col%C3%A8ge_de_France. Acesso em: 07/02/08.

4. Segundo Sauer (2003, p.22):

Toda geografia é, com propriedade e segundo este ponto de vista, geografia física, não porque o trabalho humano esteja condicionado pelo meio, mas porque o homem, por si mesmo, é objeto indireto da investigação geográfica, confere expressão física às áreas com suas moradias, seu lugar de trabalho, mercados, campos e vias de comunicação. A geografia cultural se interessa, portanto, pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica.

Recentemente um grande número de trabalhos escritos por Carl Sauer foi disponibilizado na Internet em: <http://www.colorado.edu/geography/giw/sauer-co/sauer-co.html>. Acesso em: 07/02/08.

5. Disponível em: http://www.cr.nps.gov/history/online_books/spar/whittlesey_1920.pdf. Acesso em: 07/02/08.

6. Para Wright (1947, p.83) a palavra Geosofia significaria:

o estudo geográfico do conhecimento de algum ou de todos os pontos da vista (...). Trata da expressão da natureza do conhecimento geográfico ambos passado e presente – tal qual Whittlesey tinha chamado de 'percepção humana do espaço [terrestre]'(...). Cobre as idéias geográficas, verdadeiras e falsas (...) não somente as dos geógrafos, mas também as de todos os tipos de pessoas: fazendeiros, pescadores, executivos de negócios, poetas, novelistas, pintores.

A obra de Wright: "Terrae Incognitae: The place of imagination in geography", encontra-se disponível em: http://www.geo.hunter.cuny.edu/courses/geog701/articles/terrae_incognitae.pdf. Acesso em: 07/02/08.

7. Disponível em: <http://special.lib.umn.edu/findaid/xml/uarc00690.xml>. Acesso em: 07/02/08.

8. Segundo Chris Philo (1996, p.275), Darby procurou demonstrar três formas de relacionar as disciplinas de História e Geografia:

Em primeiro lugar, ele identificou o estudo de "geografias passadas", em que as paisagens de artefatos humanos e atividades associadas com determinados períodos de tempo ('cortes transversais', temporais) tinham de ser reconstruídos (...); e, em segundo lugar, ele identificou a 'história por trás da geografia' em que acontecimentos de longo prazo esculpindo importantes impactos na paisagem ('os temas verticais') tiveram de ser rastreados por dezenas e até centenas de anos (...). Ele aparentemente considerou a primeira dessas possibilidades como 'a verdadeira' geografia histórica, com a segunda possibilidade desempenhando um importante papel de apoio, mas a terceira dessa tríade – à qual ele se referia como a 'geografia por trás da história' – foi vista mais como alheia e como algo que não poderia ser incorporado 'até mesmo dentro da abrangência mais ampla da geografia (...).

Mais informações sobre Darby conferir em: <http://www.h-net.org/reviews/showpdf.cgi?path=71971056725777>. Acesso em: 07/02/08.

9. Disponível em: <http://www.wku.edu/~smithch/chronob/CLAR1911.htm>. Acesso em: 07/02/08.

10. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/b3w-289.htm>. Acesso em: 07/02/08.

11. Segundo Pierre Daix (1999, p.65):

Esta moda começara com Michelet, anunciando no início de seu Tableau de la France que a “história é para começar toda geográfica” e retomando a questão mais imperativamente em seu prefácio de 1869, no qual afirmava que “sem uma base geográfica, o povo, o ator histórico, parece caminhar no ar. [...] E observe-se que este solo não é apenas teatro da ação. Através do alimento, do clima etc., nela influi de mil maneiras. Como ninho, como pássaro. Como a pátria, como o homem.”

Lá estava, germinando grandiloquente, aquilo que Taine esquematizaria com sua tão perniciosa e mágica “influência do meio”, tempero para todos os pratos.

12. Disponível em: http://es.wikipedia.org/wiki/Fernand_Braudel. Acesso em: 07/02/08.

13. Karl Marx, no livro “Ideologia Alemã”, tinha isso bem claro ao afirmar,

Conhecemos apenas uma única ciência, a ciência da história. A história pode ser considerada de dois lados, dividida em história da natureza e história dos homens. No entanto, estes dois aspectos não se podem separar; enquanto existirem homens, a história da natureza e a história dos homens condicionam-se mutuamente. A história da natureza, a chamada ciência da natureza, não é a que aqui nos interessa; na história dos homens, porém, teremos de entrar, visto que quase toda a ideologia se reduz ou a uma concepção deturpada desta história ou a uma completa abstração dela. A ideologia é, ela mesma, apenas um dos aspectos desta história.

In: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1845/ideologia-alema-oe/cap4.htm>

14. Segundo José Luis Orella Unzué, a Geografia Histórica,

consiste na adoção do método geográfico para descrição de um período histórico passado [...] utilizando dados obtidos, estudando geneticamente a produção e ocupação do espaço pelos homens, constatando que os componentes de uma paisagem não se alteram no mesmo ritmo nem no mesmo tempo. (UNZUÉ, 1995, p.7-20)

Já Yves Lacoste, no seu livro a “A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”, ao tratar sobre as áreas de atuação da Geografia e da História colocou:

A geografia deve ser para o espaço o que a história é para o tempo; uma e outra leva em consideração uma certa gama de dimensões espaço-temporais, nem as muito grandes (as da astronomia, por exemplo), nem as muito pequenas, mas aquelas que estão mais ligadas às ações dos homens e sobretudo às práticas do poder. Não se trata de preconizar a fusão desses dois saberes científicos numa espécie de ‘geo-história’ (que é um gênero particularmente difícil, mesmo para historiadores de altíssimo gabarito), mas de mostrar quais são as semelhanças e as diferenças de seus procedimentos epistemológicos: se o raciocínio histórico é baseado, em grande parte, sobre a distinção de diferentes tempos, a longa duração e a curta duração, para retomar a fórmula de Fernand Braudel, o raciocínio geográfico deve distinguir e articular, também, diferentes níveis de análise espacial que correspondem a levar em consideração conjuntos espaciais de grande ou de pequena dimensão. (LACOSTE, 2006, p.124)

15. Para Peter Burke na Geohistória:

A verdadeira matéria do estudo é essa história “do homem em relação ao seu meio”, uma espécie de geografia histórica, ou, como Braudel preferia denominar, uma “geo-história”. A geo-história é o objeto da primeira parte do Mediterrâneo, para a qual devota quase trezentas páginas, descrevendo montanhas e planícies, litorais e ilhas, climas, rotas terrestres e marítimas.

O objetivo é demonstrar que todas as características geográficas têm a sua história, ou melhor, são parte da história, e que tanto a história dos acontecimentos quanto a história das tendências gerais não podem ser compreendidas sem elas. (BURKE, 1992, p.35)

16. Para elucidar o conceito de Geohistória, iremos nos apoiar em mais três importantes contribuições: a) José Luis Orella Unzué; b) Carlos Antonio Aguirre Rojas e; c) David Penna Aarão Reis:

a) Segundo José Luis Orella Unzué, pode-se afirmar que a

Geohistória é a ciência geográfica das sociedades históricas organizadas sobre o espaço natural. E se diferencia da Geografia Histórica não pelo seu conteúdo, mas pelo seu sujeito e pelo seu método. (UNZUÉ, 1995, p. 7-20)

b) Para Carlos Antonio Aguirre Rojas,

A proposta Braudeliiana da géo-história [...] é afinal a exemplificação desta específica síntese entre história e geografia. Ela combina o ‘raciocínio histórico’ com o ‘raciocínio geográfico’, visando colocar em seu centro a dialética espaço/tempo que constitui, sem dúvida alguma, uma das coordenadas centrais de qualquer teoria social. (ROJAS, 2003, p.66)

c) Já para David Penna Aarão Reis,

Geohistória é nome novo para assunto antigo [...] o criador da expressão é Fernando Braudel, autor de "O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo à época de Felipe II" (Paris, Ed. Armand Colin, 1966).

Nesta obra, o Autor conjuga as duas ciências: Geografia e História, uma tentando explicar a outra, numa fase histórica que tem a Bacia do Mediterrâneo como pano de fundo.(...) Geohistória é o estudo dos fatos históricos quando neles se procura seu fundamento geográfico, segundo Delgado de Carvalho; ou então, segundo Vicens Vives: "É a ciência geográfica das sociedades humanas organizadas sobre o espaço natural". (REIS, 1986, p.81-82)

17. Com relação aos estudos sobre a formação de paradigmas que conduzem ao desenvolvimento da ciência na sociedade contemporânea, o físico estadunidense Thomas Samuel Kuhn e sua obra "A Estrutura das Revoluções Científicas" são referenciais obrigatórias para quem pretende enveredar no estudo sobre a história da ciência e da filosofia da ciência. Para maior aprofundamento sobre o conceito de paradigma, visite na Internet os sítios:

- http://filosofia.projectos.esffl.pt/T_Khun/Paradigmas_Khun.pdf
- http://www.h-debate.com/cbarros/spanish/paradigma_comun.htm. Acesso em: 07/02/08.
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Thomas_Kuhn e http://www.sul-sc.com.br/afolha/pag/thomas_Kuhn.htm. Acesso em: 07/02/08.
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Estrutura_das_Revolu%C3%A7%C3%B5es_Cient%C3%ADficas. Acesso em: 07/02/08.

18. De forma resumida, Braudel explica assim, o que é história de longa duração:

A história de longa duração é pois uma maneira de observar o passado, suprimindo uma enorme parte da história vivida. De fato, isto significa eliminar o que é breve, o que é individual, o que é oscilação simples, o que é episódico... Para recriar uma paisagem histórica segundo perspectivas intermináveis, multiseculares.... À história que é assim privilegiada chamo estrutural, sob o signo da duração, da repetição, da insistência.... A história é orquestração, ou, como diz a Escola dos Annales, globalidade, o difícil é incorporar-lhe a massa inconsciente dessa história oceânica, saída de um passado inesgotável, difícil de perceber, impossível de dominar. Nesse domínio das profundidades é irrisório dizer que o homem faz a história, ele está submetido a ela. (BRAUDEL, 1992, p.290-291)

Segundo Rojas, Braudel propõe através da teoria da longa duração:

... a postulação de um determinismo histórico, o determinismo das estruturas da longa história... O novo determinismo dos fatos de longa duração transcende a todos os determinismos anteriormente postulados, baseados apenas em fluxos verticais e entre distintas ordens de fenômenos, ao afirmar um fluxo de determinação horizontal e interior a cada ordem de fenômeno. (ROJAS, 2003, p.25)

Sobre a Teoria da Longa Duração, ler o artigo de Jonas Medeiros, A longa duração e a dialética entre consciência e inconsciente, disponível em: <http://chacombolachas.wordpress.com/2007/09/21/a-longa-duracao-e-a-dialetica-entre-consciencia-e-inconsciente/>. Acesso em: 07/02/08.

19. Segundo Rojas (2003, p.23):

Tal modelo de decomposição do tempo em três temporalidades diferenciais, não obstante a aparente facilidade de enunciação, encerra uma enorme transformação em relação ao modo anterior e tradicional de percepção do fenômeno da temporalidade. Em outros termos: a consideração radical da proposta metodológica braudeliana das distintas temporalidades históricas só é possível a partir da desmontagem total do modelo vigente do tempo moderno burguês, o qual, tal proposta ao mesmo tempo nega e supera.

20. Cf. o artigo Fernand Braudel, História Total, disponível em:

<http://www.ambafrance.org.br/abr/label/label23/scienceshumanes/bra.html>. Acesso em: 07/02/08.

21. Disponível em: <http://www.klepsidra.net/klepsidra16/annales.htm>. Acesso em: 07/02/08.

22. Em alusão à teoria de Braudel sobre longa duração, Milton Santos acrescenta em sua teoria sobre "tempos rápidos e tempos lentos":

De modo a aprimorar o método histórico, Fernand Braudel propôs uma distinção entre um tempo longo e um tempo curto, este último sendo característico das situações conjunturais, enquanto o primeiro marcaria as estruturas, os movimentos de fundo, incompletamente apreendidos através do tempo curto. Esse modo de ver ultrapassou o domínio da história, invadiu as demais ciências sociais, seduziu as ciências naturais e exatas e colonizou a geografia, mesmo se os geógrafos, com raras exceções (Torsten Hägerstrand, por exemplo), apenas aplicaram quase mecanicamente essa idéia. A noção de "sequence occupancy" de Whittlesey (1929) poderia ter sido retomada e desenvolvida, para dar conta no espaço desse processo no qual sincronias e diacronias se dão concomitantemente.

Mas, em nossos dias, a proposta de Braudel de um tempo longo e de um tempo curto perderá eficácia - em geografia e nas outras disciplinas territoriais - se a essa oposição não superpusermos uma outra idéia que sugerimos seja igualmente expressa em dois termos opostos: a noção de um tempo rápido ao qual se antepõe um tempo lento. Aqui, estamos falando de quantidades relativas. De um lado, o que nós chamamos tempo lento somente o é em relação ao tempo rápido; e vice-versa, tais denominações não sendo absolutas. E essa contabilidade do tempo vivido pelos homens,

empresas e instituições será diferente de lugar para lugar. Não há, pois, tempos absolutos.
(SANTOS, 1996, p.212)

23. Braudel defende a necessidade “urgente” de constituição de um diálogo mais rico entre as ciências sociais:

... mesmo se, mais tarde, cada ciência tivesse vantagem, por um momento, em retomar uma estrada mais estreitamente pessoal. Mas, é preciso aproximar-se desde logo, a operação é urgente. ... É preciso ainda que a reunião das ciências sociais seja completa, que não se negligenciem as mais antigas em benefício das mais jovens, capazes de prometer tanto, senão de cumprir sempre. Por exemplo, o lugar dado à Geografia nessas tentativas americanas é praticamente nulo e, extremamente reduzido o que se concede à História. E além disso de que História se trata?
(BRAUDEL, 1978, p.43)

BIBLIOGRAFIA

- BALLESTEROS, Aurora García. (Coord.) Teoría y Práctica de la Geografía, Madrid, Editorial Alhambra, 1986. 372 p.
- BRAUDEL, Fernand. Escritos sobre a história (Vol.I), São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.
- BRAUDEL, Fernand. Escritos sobre a história (Vol.II), Lisboa: Editorial Presença, 1992.
- BURKE, Peter. A Escola dos Annales 1929 - 1989, A Revolução Francesa da Historiografia, São Paulo, Editora: UNESP, 1ª Edição 1991;
- CLAVAL, Paul. História da Geografia, Coimbra: Edições 70, 2006.
- DAIX, Pierre. Fernand Braudel – Uma Biografia, Rio de Janeiro: Record, 1999.
- DOSSE, François. A História em migalhas: dos Annales à nova História. São Paulo: Unicamp, 1992. Parte 2, capítulo 2: O paradigma: A Geohistória;
- GARCÍA, Enrique Moradiellos. Fernando Braudel (1902-1985): la Historia sin sujeto, In: <http://www.nodulo.org/ec/2002/n004p01.htm>
- GUARINELLO, Norberto Luiz. História científica, história contemporânea e história cotidiana, In: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882004000200002&script=sci_arttext
- GURIÉVITCH, Aaron. A Síntese Histórica e a Escola dos Anais, São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.
- HOLZER, Werther. A Geografia Cultural e a História: Uma Leitura a partir da obra de David Lowenthal. In: Espaço e Cultura, UERJ, RJ, Nº. 19-20, p.23-33, JAN./DEZ, 2005. http://www.nepec.com.br/revista_19-20.pdf
- LACOSTE, Yves. A Geografia - Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra, São Paulo: Papyrus, 1988.
- PHILO, Chris. História, Geografia e Geografia Histórica. In: GREGORY, D. Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social. 1ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. 310 p.
- PIRES, Hindenburgo Francisco. Reestruturação Industrial e Alta-tecnologia no Brasil: As Indústrias de Informática em São Paulo, São Paulo: Universidade de São Paulo, Tese de Doutorado, 1996.
- REIS, David Penna Aarão. Geo-História: Introdução, Vol. I, Rio de Janeiro: Aula Editora, 1986. Rev. Bras. Hist. vol.24 no.48 São Paulo 2004.
- ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. Fernand Braudel e as Ciências Humanas, Londrina: Eduel, 2003.
- SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- SAUER, Carl. Geografia Cultural. In: CORRÊA, R.L. & ROZENTHAL, Z. Introdução à Geografia, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.
- UNZUÉ, José Luis Orella. Geohistória, Revista Lurralde, Universidad de Deusto (Campus de San Sebastián), N.18, 1995, p. 7-20. <http://www.ingeba.euskalnet.net/lurralde/lurranet/lur18/orella18/18orella.htm>